

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.518
Calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa—PORTUGAL
Terça-feira, 6 de Novembro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS
Telefones—5339-0
Officinas de impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

As doutrinas que A BATALHA defende interessam à maioria da população. A maioria da população tem o dever moral de comprá-la. Comprando-a, habilitam-na a desempenhar melhor a sua missão. A força da BATALHA está na razão directa da sua expansão. Muita expansão—muita força. Que cada leitor saiba atrair para A BATALHA mais leitores.

A Companhia Portuguesa de Caminhos de Ferro redobrou de violências nas suas perseguições. A classe ferroviária da C. P. encontra-se indignada e vai agir.

Os mineiros de São Pedro da Cova venceram o seu movimento. "A Batalha" saúda-os efusivamente.

O novo comité confederal é assim constituído: secretário geral, Silva Campos; adjunto, Carlos Coelho; administrativo, Gonçalves Vidal; tesoureiro, Luís Gonzaga; arquivista, António Ribeiro e vogais: Lúcio Rodrigues e António Bento.

O pão aumentou de preço porque um ministro assim o quis. Se o povo não reagir morrerá de fome.

Os presos por questões sociais estão ilegalmente presos há mais de três meses. Compete às autoridades dar andamento aos processos, julgá-los ou pô-los em liberdade.

Vem aí o Afonso para governar. Resta saber se vai governar a favor do país ou do Banco Ultramarino.

A Alemanha esfacelada está fornecendo ao operariado uma esplêndida lição histórica. A desvalorização da moeda, a paralisação industrial e a fome são o princípio do fim.

O momento político O desmembramento do império germânico

Hoje, pelo *sud-express*, chega a Lisboa para tomar conta do poder o dr. sr. Afonso Costa. Afastado durante uns poucos de anos da actividade política, Afonso Costa é hoje tido desejado pelos políticos portugueses, como em velhos tempos foi D. Sebastião que pereceu em Alcácer-Kibir, ao som dolente das guitarradas dum exército romântico que em vez de combater tocava o cantava.

Afonso Costa afastou-se prudentemente de Portugal porque os seus actos de despota criaram a sua volta um tal ambiente de ódios que poderia ser-lhe fatal. Era positivamente um homem queimado. A intervenção na guerra colocou-o mal aos olhos do povo, as perseguições brutais ao proletariado destruíram um pouco de simpatia que grangeara no tempo da propaganda, os seus *superavits* mirabolantes, com todo o aspecto de charlatanice, desacreditaram-no.

Como político perdera toda a acção. Uns não o tomavam a sério, outros odiavam-no. Subitamente Afonso Costa apareceu-nos desejado. Os vários políticos que se lhe sucederam no poder desacreditando-se sucessivamente, mostrando-se duma mentalidade inferior, falhando miseravelmente perante os mais comensais problemas de administração, elevaram-no, valorizaram-no. E comparada a inépcia dos vários governantes, que rastejaram pelo poder, com a inépcia de Afonso Costa, verificou-se, ou melhor, verificaram os políticos que a inépcia do Afonso era a melhor.

Neste mar de incompetências políticas onde o país vem naufragando, a incompetência de Afonso, por ter estado ausente por mais tempo e por se ter revestido dum certo verniz parisiense, tornou-se desejada.

Sabem os políticos portugueses que Afonso Costa, todo entregue aos interesses financeiros do Banco Ultramarino, não é homem que possa pôr os interesses do país acima dos seus interesses particulares. Mas, como não há outro, como os que estão por cá se encontram gastos e batidos como cédulas de tostão, convenceu-se de que Afonso Costa é um grande estadista; a necessidade dum messias eleva-o a culminâncias de inteligência e desinteresse que ele não tem.

Afonso Costa é pois, uma ilusão que os políticos da nossa terra criaram para não se convencerem da verdade! A falência absoluta dos partidos burgueses, impossibilidade duma situação económica favorável ao povo, enquanto o poder social estiver nas mãos da classe capitalista.

Ohoga hoje Afonso Costa para governar. Há muito tempo que um político não sobe ao poder num ambiente tão favorável e com tanta facilidade como ele. Integrado nos interesses das forças capitalistas, em vez de aproveitar esse ambiente favorável para fazer um pouco da obra útil que se poderia realizar na sociedade burguesa, inclinar-se-á evidentemente para aqueles que tem servido em Paris e que continuará a servir em Lisboa.

Notas e Comentários

Imortais e celestiais

O mundo perdeu a serenidade, desmanchou novamente a linha, para nos dizer coisas ásperas, duras, violentas. Zangou-se. E, no meio da zanga, como os nervos excitados, zumbidos nos ouvidos, claro de ira nos olhos, foi-se ao papel e asseverou aos leitores, à compacta multidão dos seus leitores, que nós éramos maus ou estúpidos.

Não parou aqui a zanga. Ainda com a face contraída, numa incoerência cômica, escreveu, impetuosamente que nós talvez acumulássemos a estupidéz com a maldade.

Perdemos o lugar no céu, a consideração dos imortais e a desleal e efêmera immortalidade da Academia de Ciências. Nem Deus, nem o sr. Júlio Dantas, nos abrem as portas consoladoras da Eternidade e da Imortalidade.

A expansão de "A Batalha". Os apêlos que A Batalha tem feito aos seus leitores não se tem perdido. Mais do que dinheiro A Batalha necessita de expansão. Temos pedido aos nossos leitores para arranjar outros leitores. E de facto a tiragem de A Batalha tem aumentado, o que indica que os nossos amigos trabalham na divulgação do jornal. Do nosso prezado assinante de Penabesem, camarada António Júlio recebemos uma carta indicando os nomes de Joaquim Martins Soares e Luís Correia para assinantes de A Batalha. Quiz o camarada António Júlio corresponder assim ao nosso apêlo. Registamos o seu gesto que servirá de exemplo aos nossos leitores.

Eloquência mutualista

Na Associação de M. U. dos Empregados no Comércio e Indústria, um dos oradores o sr. Alexandre Bento citou—oh! a erudição mutualista—uma frase do pai de Viriato, pronunciada no alto da Serra da Estrela, ao contemplar junto a sua mulher, uma vitória do filho. A frase é deliciosa e esquisita provando a evidência que naquela época já se via em moda o sr. Júlio Dantas: "E lembrai-me em de que foi de um beijo no seu que ele nasceu".

A frase é rigorosamente falsa, mas

como isso não bastasse, o sr. Bento de olho em alvo para o sr. Teixeira Gomes, parafraseou:

"E lembrem-nos nós de que do esforço dum poucos saiu esta obra grandiosa."

Que lindo! Ou o sr. Bento parafraseando um ovo ciza um espelo ou então a Associação dos Empregados no Comércio e Indústria, foi parturida, com dispensa de fêmea.

Abismada com esta audácia uma senhora comentou em voz baixa para o marido:

—Aquilo nunca se diz diante de senhoras.

Registando

Dois presos por questões sociais que se encontram na Torre de São Julião da Barra enviaram ao *Mundo* um postal declarando terem sido em tempo agredidos pelo agente Araújo.

O *Mundo* regista a informação. O mesmo fazemos nós.

Cooperativa dos Fragateiros

Realizou-se ante-ontem o baptismo de três fragatas.

Effectuou-se anteontem, conforme noticiámos, no Terreiro do Paço junto ao Cais das Colunas, o baptismo de três fragatas ultimamente adquiridas pela Cooperativa dos Fragateiros. A cerimónia teve lugar às 12 horas. As três fragatas ficaram com as seguintes designações: "Há-de ser", "Obra dos mesmos", e "Alfredo Pinto". O nome das duas primeiras fragatas parece, à primeira vista, inexplicável. Mas, como as duas fragatas que a Cooperativa já possuía tinham os nomes de "A Emancipação" e "dos Fragateiros", os nomes das quatro fragatas constituem a parafrase do conhecido conceito de Karl Marx: "A emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos mesmos trabalhadores".

Salvador Lanego, secretário da cooperativa, no seu discurso fez ressaltar a ideia que presidiu à designação dos quatro barcos. Usaram também da palavra o sr. Alfredo Pinto e Rodrigues Graça, pela Federação Nacional das Cooperativas.

No fim do acto realizou-se na fragata "Emancipação" uma caldeirada à frigateira, na qual também tomaram parte os representantes da imprensa.

Lêr na 4.ª página:

Agenda de "A Batalha".

SERVIÇO ESPECIAL

A situação na Saxónia

BERLIM, 4.—A situação na Saxónia não sofreu a menor mudança. O ministro Felich ainda não está completamente constituído provavelmente apresentar-se-á perante o Landtag.

O presidente Ebert levantou o estado de sítio na Saxónia.

A tração da esquerda social-democrata provocou uma indignação enorme na classe operária da Saxónia. O partido social-democrata saxão está em via de se desmantelar.

Em Plauen e em Chemnitz os operários não retomaram o trabalho a despeito dos sindicatos e dos social-democratas terem decidido a terminação da greve.—(E.).

Os social-democratas da Turíngia marcam uma posição mais revolucionária

BERLIM, 4.—O partido social-democrata da Turíngia, realizou, no domingo passado, em Weimar, um congresso que resolveu convocar no mais curto prazo, um congresso comum do partido social-democrata da Saxónia e da Turíngia. A assembleia resolveu igualmente manter o governo socialista-comunista da Turíngia e aprovou a proclamação da greve geral como arma de defesa contra a reacção.

Sobre a política de Stresemann foi expressa a opinião de que a sua política põe em perigo a posição da classe operária e que o partido social-democrata da Turíngia reclama a demissão dos ministros social-democratas do gabinete do Reich.

A conferência condenou a atitude do comité central do partido social-democrata na questão da Saxónia.—(E.).

Crise do ministério Stresemann

BERLIM, 5.—Está declarada a crise do ministério de Stresemann. Os três ministros social-democratas Solimann, Robert Schmidt e Rodbruch apresentaram a sua demissão a Stresemann.

Os democratas tiveram também uma conferência e resolveram deixar o governo, caso os social-democratas saíssem, e recusar entrar numa coligação da qual participem os nacionalistas.

Depois desta dupla demissão de social-democratas e de democratas, é mais do que provável que Stresemann apresente a demissão colectiva ao presidente Ebert.

Em certos meios, declara-se impossível toda a combinação com Stresemann. Noutros, julga-se que o presidente Ebert o encarregará de formar terceiro gabinete. Em todo o caso a crise terá graves consequências. Ela foi provocada pelos nacionalistas e pelos generais que vão tentar um golpe por meio do parlamento.

C. G. T.

Comité Confederal

Reúnem hoje pelas 21 horas

os membros do comité central para um assunto urgente.

CONFERÊNCIAS

Revolução russa

Promovida pela comissão reorganizadora do Núcleo de Juventude Comunista de Lisboa, realiza-se amanhã pelas 21 horas, na rua do Arco Marquês do Alentejo, 30, 2.ª, uma sessão de propaganda, comemorativa do 5.º aniversário da gloriosa Revolução Russa, e em que usará da palavra, representantes do P. C. P., J. N. da J. C., um representante da organização do Porto e outros elementos comunistas.

Na Itália

Unidos pelo fascismo

ROMA, 5.—Por uma larga maioria, o Sindicato dos Ferrovários Italianos decidiram filiar-se na Federação Geral do Trabalho.

Até aqui este organismo mantinha-se separado, mas os recentes ataques fascistas fizeram com que o movimento se consolidasse.

A luta entre as corporações industriais e as fascistas continua, principalmente em Turim e Génova. Um comité de corporações fascistas em Génova ameaçou cortar as relações com a Federação Industrial da Ligúria.—(E.).

Comunistas absolvidos

ROMA, 5.—Concluiu o julgamento dos 20 comunistas, pelo tribunal de Roma, com uma absolvição geral.—(E.).

CARTA DA ALEMANHA

A situação do proletariado perante os graves acontecimentos—A falta de espírito revolucionário—A força do fascismo—O custo da vida

Procurarei descrever-vos, numa resenha rápida, qual a situação do proletariado em face dos acontecimentos graves, que agitam hoje a Alemanha. Não creio que os tumultos ocorridos, traga a realização das nossas aspirações — a liberdade uma sociedade justa.

Nenhum povo do mundo se acha mais incapaz de se libertar do que o povo alemão, apesar de durar há 80 anos o movimento operário. E nunca este movimento se encontrou tão dividido e tão enfraquecido como actualmente. Existem três partidos políticos operários, orientados nas teorias de Marx, mas guerreando-se entre si.

Económica e politicamente, a situação na Alemanha é terrivelmente caótica; ignora-se no dia de hoje o que venha a ser o dia seguinte. Ao findar a resistência pacífica contra a ocupação do Ruhr e do Reno, caiu completamente o valor do marco e a actividade económica, por consequência, ficou destruída. Todo o proletariado — com raras excepções — ficou sem trabalho, resultando a incapacidade do país para o abastecimento de milhões de indivíduos.

A rebelião dos famintos tornou-se inevitável. Em quase todas as cidades da Alemanha ocorreram tumultos, deram-se saques e atocou-se a polícia. Onze homens foram mortos a tiro, durante a última semana, nas ruas de Mannheim. Apesar disso o proletariado permanece numa indecisão desesperadora, em face do caminho a seguir naturalmente.

No entanto, a reacção arma-se para aniquilar o proletariado. Em todos os estados alemães formaram-se organizações de fascistas bem armados que pretendem restabelecer a monarquia imperial e esmagar o movimento revolucionário. As forças nacionais não têm capacidade para dar batalha a essas organizações, porque a maior parte dos oficiais do exército fazem causa comum com os fascistas. O foco principal, a base de operações dos fascistas, é a Baviera, onde, no dia 20 de outubro último,

toda a oficialidade militar, com a complicidade do governo bávaro, se recusou a continuar sob os ordens de Berlim.

A situação difere na Saxónia. O governo é formado por socialistas, sob a presidência do dr. Zeigner, e que se empenha numa luta implacável contra o governo militar que Gersberg pretende impor. Esta luta terminou com a proclamação da monarquia, estabelecendo um governo provisório, que aboliu a Constituição e entregou o poder do Estado à casta militar.

A República foi proclamada na província de Renânia, o que significa o princípio de esfacelamento do império germânico. Os grandes capitalistas iracezes e belgas apolam este novo Estado, por a sua independência servir aos seus interesses industriais. O governo de Berlim não se conformou e dirigiu um apêlo aos alemães para a luta, ao mesmo tempo que impediu a publicação da imprensa operária e reprimiu as greves, ditando a pena de morte para os seus promotores. Em face dos capitalistas, que encerraram as fábricas e as minas, o governo manteve-se, tranqüilo. Compreende-se porque, em circunstâncias tão graves para o país, o proletariado hostilize o governo.

Nalgumas cidades, os conselhos de operários recusaram e proclamaram o postulado comunista, mas nada passou do papel; mau grado os grandes rasgos de oratória, nada se realizou de prático.

Todas as minas do território do Ruhr foram fechadas, sob o pretexto de que os salários dos mineiros eram elevados; ao mesmo tempo, com manifesto desprezo pela ameaça de morte feita pelo governo de Berlim, em metade da Alemanha foi declarada a greve geral. Então, como consequência, toda a indústria alemã foi encerrada. Esta forma de convulsão uma coisa vem demonstrando: a derrocada sistemática da sociedade capitalista.

Contudo, devemos dizer que a maior

parte do proletariado alemão falta capacidade revolucionária; ele exige o governo de operários e camponeses, exige o armamento do proletariado, e julga que o novo estado seria subjugado, como dantes, que o militarismo, seja branco ou vermelho, implica cega obediência; que, sob um tal governo, seria também audácia falar-se na liberdade do indivíduo.

Os anarquistas terão de dispendir ainda muita energia e inteligência, a esclarecer o proletariado acerca do erro em que persiste e que prejudica o seu caminho de se libertar. Os operários alemães tendem à centralização e sequem, por isso, os políticos e certos elementos sindicais, cuja acção é perniciosamente a provocar o esfacelamento do movimento revolucionário.

O custo da vida atinge números assombrosos! Vou dar alguns números, com a convicção de que, ao fechar esta correspondência, eles estavam mais elevados.

Manheim, 30 de Outubro.

Josef REICHERT

Gêneros	milhões de marcos
Pão, três libras	7,6
Alcácer, uma libra	4,7
Carne de vaca, idem	10
Carne de porco, idem	14
Banha, idem	15
Manteiga, idem	28
Leite, um litro	4,7
Azeite, idem	20
Batatas, 1.000 gramas	70
Legumes, idem	80
Carvão, idem	15
Lenha, idem	16,5

A vista deste pequeno quadro se pode fazer um insignificante cálculo sobre o custo da vida na Alemanha, onde um operário ganha, em média, quatro milhões e meio de marcos por cada hora de trabalho. Nenhum operário do mundo consegue ser tão milionário.

Manheim, 30 de Outubro.

Josef REICHERT

MERECIDO TRIUNFO

OS MINEIROS VENCERAM!

Ao cabo de 10 semanas de luta heróica, os grevistas de São Pedro da Cova veem atendidas as suas reclamações de ordem moral e material

A solidariedade do proletariado do resto do país, do Porto principalmente, foi coroada de êxito

PORTO, 4.—Podemos assinalar como o facto victorioso da greve dos mineiros de São Pedro da Cova, um momento da grande rejeição para a consciência revolucionária do proletariado. Este teve, e principalmente o proletariado do norte, uma cota de energia e solidariedade na victoriosa solução do conflito.

Ao fim de 10 semanas de heroica e tenaz resistência os mineiros de São Pedro da Cova afirmaram triunfantemente quanto pode o esforço colectivo de milhares de homens quando estes sabem congregar energia e manter com firmeza a sua vontade.

Para se aquilatar da bela vitória de S. Pedro da Cova passamos a transcrever a nota oficiosa em que se mencionam as condições em que os mineiros cessaram o seu admirável movimento:

"Após várias conferências realizadas anteontem e ontem, entre o engenheiro director das minas e a respectiva comissão de demarcação juntamente com o representante da Confederação Geral do Trabalho, foi solucionada esta greve, que se arrastava há 10 semanas. As bases estabelecidas para a solução foram as seguintes:

Admissão completa de todo o pessoal nos seus respectivos lugares; cumprimento integral do horário de 8 horas de trabalho. Sobre as reclamações de ordem material, foram feitos aumentos que variam entre 25500 e 3550, ficando para os mineiros estabelecida uma única classe, com o mínimo de 10500. As regalias que tinham antes da greve continuam de pé."

Como se verifica pela leitura da nota oficiosa a vitória dos mineiros revestiu um duplo aspecto: moral e o material. Não foi apenas um movimento de estômagos, a porfiada greve, mas também um movimento consciente e moral. Além de asseguradas as reclamações de ordem económica, foram tomadas em conta e satisfatoriamente solucionadas as questões de ordem moral. Uma delas

o terem ficado todos os que tomaram parte no movimento com a sua situação assegurada. Prevê-se a hipótese das represálias que, porventura, a companhia viesse a exercer contra os que se envidenciavam no movimento por a sua acção ter sido mais visível e em consequência dos cargos distribuídos, mais tenaz. A Companhia comprometeu-se a não exercer represálias como consta da base de acordo que pôs fim ao movimento e a que se alude na acima referida nota oficiosa.

O horário de trabalho também não foi esquecido. Essa bela conquista proletária, realizada através mil afirmações e agitações revolucionárias lá está na base de acordo, obrigando-se a companhia a respeitá-lo integralmente. Se é certo ser o horário de trabalho pelas suas evidentes vantagens, uma questão material, também não é o menos, uma questão moral pois além de diminuir o tempo em que o produtor é escravizado pelo patrão, assegura a possibilidade de maior esforço de instrução e educação das massas trabalhadoras.

Conquanto da greve, encerrada duma maneira geral, resultassem positivas vantagens materiais, o movimento que finalizou foi em si, uma grande demonstração de força moral. Essa vitória material foi, orgulhosamente, o proclamamos, um grande triunfo moral.

No regresso que esta jubilosa notícia deve ter causado em todo o proletariado consciente do país, não deixamos de salientar a redobrada e activa alegria, com que o proletariado português acolheu. E' que por estar mais perto do lugar do conflito, o proletariado português e, dentre ele, a sua minoria revolucionária, que sobre esforçadamente actuar, prestou aos mineiros uma solidariedade forte e continua.

Foram numerosos os filhos de mineiros recolhidos no Porto e nalgumas vilas.

Foi grandioso e belo o protesto ainda pouco levantado. Basta recordar o co-

mício proibido que tam grandes protestos levantou e a tam grandes violências da força armada deu lugar, violências a que o proletariado resistiu afirmando o seu desejo em ver respeitada a liberdade de reunião.

A Comissão Central pró-mineiros de São Pedro da Cova enviou para os jornais a seguinte nota:

"Em virtude de compromissos de ordem material que este organismo tem a resolver, motivados pelas importantes despesas feitas com as coisas comunais que mantinham em São Pedro da Cova, Monte Azeitão e Rio Tinto, bem como com o sustento e mais despesas com 17 presos que as ordens da autoridade estiveram 8 dias nas prisões desta cidade, despesas que chegaram a atingir mil e quinhentos escudos por dia, e apesar de ter terminado a greve que se arrastava há já mais de 10 semanas, como consta na nota oficiosa do respectivo sindicato, todos os trabalhadores do Porto e Gaia devem hoje, como de costume, retirar das suas magras fêrias uma parcela para que esta comissão possa saldar, como é mister, os seus compromissos. Esta comissão vai enviar a todos os sindicatos uma circular sobre o assunto e ainda oportunamente publicará os mapas da receita e despesa."

Que todos os trabalhadores saibam cumprir o seu dever de Solidariedade, eis o que é preciso!

—Os camaradas que tem em seu poder os filhos dos mineiros que já trabalham nas minas, devem se os seus pais não pretendem, entregá-los para assim não prejudicarem os mineiros que necessitem, do esforço de todos os seus afim de resarcir-se dos enormes encargos monetários contraídos durante o movimento.

As restantes crianças, isto é, as que ainda não trabalham nas minas, ficarão mais algum tempo junto dos camaradas que as tem a seu cuidado, visto ir ser levado à prática no Palácio de Cristal uma festa infantil a elas dedicada.

PELO TELÉGRAFO

Vão estalar as hostilidades entre a Baviera e a Alemanha?

BERLIM, 5.—Hitler está disposto a tomar a ofensiva. As tropas federais comandadas pelo general Reinhardt receberam ordem para se manterem numa atitude de expectativa não começando a ofensiva mas repelindo qualquer tentativa do inimigo para atravessar a fronteira. Há quem duvide que as tropas do general Reinhardt queiram fazer fogo contra as tropas bávaras. As duas forças equilibraram-se, dispostas os federais de Hitler cerca de 15.000 homens cada um.

Hitler disse ao correspondente da "Tribuna" em Munich que estava convencido de que as tropas federais fariam causa comum com os seus soldados logo que estes iniciassem o seu avanço. Nos círculos bem informados duvida-se de que Hitler inicie a ofensiva apesar das suas declarações. As forças de Hitler avançaram apenas quando a situação de Berlim permitir que as forças monárquicas no Mecklemburgo, Pomerânia e regiões circunvizinhas da capital possam fazer um movimento simultâneo de avanço contra esta cidade.

Hitler continua na disposição de estabelecer uma ditadura militar para a Alemanha com Ludendorff como supremo ditador. E' claro que Ludendorff desempenha um grande papel em todo este movimento embora por enquanto se conserve na sombra. Ludendorff aparecerá quando for declarada a guerra contra a república de Berlim e quando for declarada de novo a guerra contra a França.

O cinismo de Poincaré

PARIS, 5.—Poincaré pronunciou um discurso em que verberou as hipocrisias da Alemanha na questão da refinação da conferência internacional de inquérito às capacidades de pagamento daquela nação. Disse que a Alemanha corria voluntariamente para a sua ruína mas que os seus grandes industriais faziam fortunas colossais com a protecção do Estado que os não obrigava a contribuir para o pagamento das reparações.

O exército alemão mobiliza

BERLIM, 5.—Quando as primeiras notícias da concentração bávara chegaram a esta cidade Ebert, Stresemann e Cessler que formam o triunvirato ditatorial reuniram-se imediatamente em conferência secreta. De madrugada Cessler ministro da defesa ordenou a mobilização da Reichswehr. A confiança do governo nessas forças não é porém muito grande parecendo que ela está trabalhada por elementos nacionalistas.

Foram dadas também ordens para se mobilizar todo o exército da Alemanha. Em Múrtisee no sul do Mecklemburgo a 70 milhas de Berlim estão concentrados grandes núcleos de tropas nacionalistas.

—A quando da greve do pessoal das minas de São Pedro da Cova, abandonaram também o trabalho e fizeram reclamações de aumento de salário os mineiros do Passal de Baixo.

Depois de atendidas as reclamações dos primeiros, a comissão de demarcação, juntamente com representantes do pessoal dos segundos, dirigiram-se à gerência da empresa das minas do Passal de Baixo com o fim de solucionar o conflito que havia com aquela empresa.

Depois de breve discussão foi resolvido que o pessoal retomasse o trabalho com as mesmas garantias de ordem material adquiridas pelos de São Pedro da Cova. Como porém não possuem cooperativa, cantinas e escolas, os ordenados seriam aumentados com mais 50 centavos diários.

—O exemplo dos mineiros de São Pedro da Cova, merece ser louvado. E, dentro do nosso espírito revolucionário, louvar, significa incitar, não ter palavras de encômio mas gestos dignos, em face do patronato, insaciavelmente explorador.—C.

Os presos por questões sociais

A presidência da república publicou em alguns jornais uma nota rectificadora algumas afirmações do editorial de A Batalha de anteontem. Nega que o dr. sr. Teixeira Gomes tivesse prometido a comissão da U. S. O. que o entrevistou, dar rápida solução à questão dos presos por questões sociais. E' uma questão de interpretação. Parece-nos que tendo o sr. presidente da república prometido instar junto do governo pela solução do caso, e não tendo até hoje havido solução alguma, que a promessa não foi cumprida.

Se o governo se recusou a escutar o sr. presidente da república, bom seria que este o fizesse saber publicamente, para que não lhe sejam atribuídas culpas que não tem.

TEATROS

TEATRO NACIONAL

ALCÁÇER-KIBIR

de D. João da Câmara

Com o "Alcáçer-Kibir" iniciou-se a época do Teatro Nacional. Está certo, D. João da Câmara é das maiores figuras do teatro português que tantas voltas tem dado e que tanta orientação tem tomado, desde Gil Vicente até ao décimo terceiro ano da república. O autor inquestionável dessa admirável peça "Os velhos" em que a vida simples dos campos perpassa admirável e bem vinculada, tinha sido a nova administração do teatro de declamação que o Estado subsidia, lhe desse esta homenagem recordando numa das suas obras, simultaneamente o poeta e o dramaturgo, que o foi e bem notável nos dois géneros literários.

Mais pela consagração dum nome, do que pela exposição duma doutrina, não regatearemos honras à direcção superior do Teatro Nacional.

Não mais como o nosso, em que as tradições históricas abundam, não perde que, de vez em quando se rememorem factos que foram as páginas dos seus cronistas e que tem a vantagem de atear um bom exemplo, ou de oferecer o flanco a uma crítica que nem sempre pode ser favorável.

O teatro histórico de D. João da Câmara tem na sua essência um fundo de reminiscências populares, mais ou menos firmadas em acontecimentos que passaram deixando mais um rasto inofensivo de simples narração do que um desejo obstinado de assegurar como bom, certo facto memorável que conviria até, em muitas ocasiões deixar no esquecimento.

D. João da Câmara nunca antepôs à verdade, os esmaltes dos seus braços e quem tenha lido com atenção a sua obra, não deixará de notar quanto para

LISBOA NA RUA

Rendimentos dos operários

No Banco do hospital de São José recebeu curativo, segundo depois para casa, João Damão, de 40 anos, trabalhador, residente na quinta dos Arcos, no Barreiro, que no caso da Companhia União Fabril, naquela vila, foi colhido por um guião de ferro, ficando contuso no ventre.

Agresse mortal

Na enfermaria n.º 2 do hospital de Arroios, faleceu ontem, João Caramelo, o qual, como noticiámos, ao apartar uma desordem, há dias, entre uns trabalhadores na Quinta Grande, em Coruche, foi ferido com uma facada no ventre.

«Desaguisado» doméstico

No hospital de São José recebeu curativo, segundo depois para casa, João Maria Sant'Ana, de 20 anos, chauffeur, residente na rua Barão Sabrosa, 68, 2.º, que ao apressar-se de um camião, na estação de Braga de Prata, caiu, fracturando o braço direito.

Na enfermaria de Santa Eulália do mesmo hospital, deu ontem entrada Francisca de Araújo Luis, de 65 anos, residente na calçada da Bica Grande, 6, loja, que caiu pela escada da residência, ficando gravemente ferida na cabeça.

Na enfermaria de Santo António, recolheu Inácio Guerra, de 27 anos, natural e residente no Amol, Torres Vedras, que caiu no Outeiro de Ramalhã, chegando sem fala ao hospital de São José, onde foi conduzido num auto da Cruz Vermelha.

MÚSICA

Orquestra Sinfónica de Lisboa

Foi o maestro Fernandes Fão que abriu com os seus concertos do Politeama, a temporada lírica alfacinha. Programa bem organizado, boa afinação e ótima disciplina, as principais qualidades que há a exigir numa orquestra sinfónica, se evidenciaram agora, o que nos dá a esperança de que bons concertos se seguirão para regozijo dos seus ouvintes. Como é da gentileza do maestro Fão, lá figurava também um número português de D. João da Fonseca Pereira, que foi coroado por justos aplausos. Em peças já conhecidas foram executadas com rigor a «ouverture» do «Obéron», de Weber, a «Morte e transfiguração» de Strauss, com todo o colorido que deve ter e a «Quarta sinfonia» de Beethoven, maravilha de orquestração e de delicadeza.

Onde, porém, as atenções deviam convergir era nas primeiras audições «Le festin de l'araignée», de Roussel e «Carnaval de Paris» de Svendsen. E se as dificuldades de execução não foram bem vencidas, a interpretação que a orquestra deu às duas interessantes páginas musicais, foi de molde a insinuar ao audiente os encantos dessas partituras, uma, a primeira, que representa uma das composições mais belas da música francesa moderna, e a segunda, que ocupa uma situação elevadíssima entre o que melhor tem produzido a música escandinava.

«Le festin de l'araignée», distingue-se principalmente pela estranha e bizarra originalidade dos timbres. O poder descritivo que irradia das notas é como que uma constatação formidável do sentimento da obra com a exuberância da verdade. Não é uma cadência pesada e tímida de narrativa sucessivamente detalhada, é uma retratação fina e limitada de sons que correspondem a ideias e a análises pensamentos.

«Carnaval de Paris» tem mais a influência serena do clima e portanto a severidade mais límpida dos sentidos que se impressionam sem que para isso necessitem de expansões mais próprias da Europa latina.

São dois belos trechos que a orquestra tem que repetir, para que se apresentem certas nebulosidades que ainda ficaram.

Nogueira de BRITO

Pedras para isqueiros
Metal Auer, assim como roças, óxidos e maciças, tubos, moles, chapas de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigido pelo Sr. Francisco Pereira Leite, (E' a casa que fornece em melhores condições).

Nogueira de BRITO

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças, óxidos e maciças, tubos, moles, chapas de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigido pelo Sr. Francisco Pereira Leite, (E' a casa que fornece em melhores condições).

Nogueira de BRITO

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças, óxidos e maciças, tubos, moles, chapas de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigido pelo Sr. Francisco Pereira Leite, (E' a casa que fornece em melhores condições).

Nogueira de BRITO

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças, óxidos e maciças, tubos, moles, chapas de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigido pelo Sr. Francisco Pereira Leite, (E' a casa que fornece em melhores condições).

Nogueira de BRITO

Pedras para isqueiros

Metal Auer, assim como roças, óxidos e maciças, tubos, moles, chapas de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55.

Dirigido pelo Sr. Francisco Pereira Leite, (E' a casa que fornece em melhores condições).

Nogueira de BRITO

A BATALHA

IMPRESSÕES DO SEIXAL

A fábrica de Lanifícios da Arrentela

A fábrica de lanifícios da Arrentela formou-se há uns 100 anos. O princípio foi numa pequena casa denominada o Pisão, existindo hoje somente as paredes e que não tem sido demolidas, com a recordação de tempos idos. Esta fábrica em miniatura era movida pelas águas captadas do Tejo, para uma espécie de lagôa, a que chamam caldeira, e eram estas águas que moviam as azeites e portanto era o que fazia girar os seus toscos maquinismos.

O pessoal fabril nesta época era muito diminuído e a sua indústria estendia-se somente ao fabrico de chitas e mantas.

Em virtude das necessidades da sua expansão os terrenos foram sendo aterrados onde hoje existe a alameda, tendo um póco com bomba manual cuja água é dum finíssimo paladar. Este recinto é separado da estrada por uns barroteiros com arame farpado, colocados paralelamente, o que não evita que o público não ingresse para deliciar os pulmões com o ar puro dos eucaliptos.

O que não faz sentido, uma vez — que a entrada é pública, é que puzessem arame farpado, pois o povo que ali passa está sujeito a ficar com a farpela rota, a não ser que a Companhia nisso tenha interesse a fim de com a vigilância dos arames, com os seus rasgos traçoeiros, aumenta assim a sua produção.

Com o aterramento, a antiga fábrica deixou de existir por falta da água que era necessário ser mais abundante.

Para as necessidades da sua expansão, foram procedendo a várias construções e aperfeiçoamentos nas máquinas e hoje pode considerar-se a primeira fábrica do país em lanifícios.

Por estas informações, tivemos o desejo de conhecer todas as suas dependências e maquinismos e graças a boas vontades lá conseguimos autorização para a visitarmos.

Antes de entrarmos, notámos quasi

centro destes grandes palmeiras. Entre os canteiros e as oficinas estavam cavaletes, onde as teias depois de urdidas e coladas são postas ao sol para secar.

Seguimos à casa das máquinas que é coberta de chapas de zinco, sendo as suas paredes de tijolo. Tem um motor com a força de 600 H. P. que faz mover os maquinismos todos, tendo-nos informado uma camarada que na roda principal que nos mostrou, tinha há anos um operário posto termo a sua existência.

Num repartimento contiguo há 2 dinamos eléctricos, um com a força de 200 amperes — era o que estava trabalhando na ocasião — e o outro de 120 e que na ocasião estava parado por a laboração não necessitar do seu funcionamento.

Saltamos quando encontramos um camarada muito pouco conhecido nas lutas sindicais. Cumprimentámo-nos.

— Então que fazem por aqui?

— Visitamos a fábrica.

— E realmente, sendo visitada com atenção tem muita que se observar.

Diremos minuciosamente da nossa visita.

Domingos A. RIBEIRO

COVILHÃ

3 DE NOVEMBRO

Em prol dos mineiros grevistas

O proletariado covilhense mais uma vez demonstra a alta noção que possui sobre os deveres de solidariedade, contribuindo motetariamente para os heróicos mineiros de São Pedro da Cova, em luta há cerca de três meses contra os seus desumanos exploradores.

E' que ele ainda não esquece o grandioso movimento que sustentou contra o industrialismo desta terra e que, embora fracassasse sob o ponto de vista material, constituiu contudo uma bela demonstração de consciência, a registar nas dolorosas páginas da história proletária.

Convencidos estamos de que, se necessário for recorrer a um movimento nacional para apoiar os mineiros em greve, os operários da Covilhã saberão cumprir o seu dever, secundando-o com o maior entusiasmo.

A reacção clerical campeia...

Informa-nos pessoa de confiança que o bispo da Guarda andou pelas pequenas povoações do concelho do Sabugal a espalhar a semente das mentirosas doutrinas da igreja de que é categorizado pastor.

Afirmam-nos ainda que houve povoações em que pessoa alguma ficou

nam rido duma procissão... Pois bem! Esse clero, por muito poderoso que fosse, pôde acaso conjurar a revolução, ainda mesmo senhor da instrução pública?... Pois vocês reciam os homens do senhor de Falloux, em 1849, quando temos a liberdade de imprensa e a propaganda socialista, tam activa e entusiasta como a dos enciclopedistas no último século? E ainda duvidam, ainda reciam, quando graças ao sufrágio universal, em dois anos, o máximo, bastará uma leve rajada de vento para fazer regressar esses homens às trevas de onde saíram? Ora vamos, meus filhos, vocês já não estão na idade de ter medo dos lubismos?... E a expedição de Itália? perguntou Jorge. A república italiana, nossa irmã, metralhada pelos soldados franceses, e restabelecida pelas nossas armas!

— Como, meus filhos? pois também levam a mal a restauração do papa pela força? Que nova e humilde negatividade não é a pretensão dessa sempre apregoadada infalibilidade divina! Deus não o trovejou... Consentiu que o seu representante na terra implorasse as carabanas dos caçadores de Vincennes, rapaziada honrada, que prefere antes o cotilão e a taberna ao oremus... Deixem-se disso, meus filhos! O pontificado não se levantará nunca deste último triunfo; devia reinar pelo amor e pela fé; mas, como recorre à violência, perde-se há pela violência, e bem depressa a república romana entrará na escala dos povos livres. O antigo hábito da disciplina obrigou os nossos valorosos soldados a uma restauração

papa, iníqua e imbecil... Mas, paciência, dois anos mais no exercício dos seus direitos civis não de esclarecer os nossos soldados sobre os seus verdadeiros deveres... E daí, os votos do exército não são já, em grande número, socialistas? A'ém de que, num tempo próximo, deixará de haver reis na Europa e, por conseguinte, também exércitos; uns de nada valem sem os outros!... Os povos regenerados e emancipados, não pensário, pelo seu interesse comum, senão em unir-se e permutar os seus produtos, em lugar de combater uns contra outros! Torna a repetir: deixem-se disso, meus filhos... aproximem-se a época em que os últimos batalhões deixariam de existir juntamente com os últimos reis!

— Ah! meu pai! esse tempo destruí-lo-hemos nós? disse Sacrovir não menos admirado que Jorge da paz de espírito do fanfarrão. A esta hora, por toda a parte, a liberdade dos povos é acimada, azoragada e decapitada pelos algozes dos reis absolutos!... A Itália, a Hungria e a Alemanha, curvaram-se novamente debaixo do jugo sanguinolento que tinham quebrado em 1848, electrizadas pelo nosso exemplo, e contando connosco como se fossem seus próprios irmãos!... Para o lado do norte, o despota dos cossacos, com um pé na Polónia e outro na Hungria, afogando ambas as nações no seu próprio sangue, ameaça com o knout a independência da Europa, prestes a arremessar sobre nós as suas hordas selvagens!...

— Hordas iguais a essas, meus filhos,

também, nossos avós as acutilaram no tempo da servidão... e, se elas hoje cá viessem, nós faríamos como eles... Pelo que diz respeito aos reis, continuam a assassinar, a ameaçar e espumam de raiva!... e sobretudo o terror!... Veem já do sangue dos milhares, sacrificados por eles, nascerem milhares de vingadores!... Essas testas coroadas sofrem vertigens e com razão!... Rebente hoje uma guerra europeia e a revolução se levantará contra eles devorando-os! Substitua a paz e a onda pacífica da civilização engrossará... subirá-lhes até à garganta... submergindo os tronos...

— Mas, entre nós mesmos! exclamou Jorge, entre nós mesmos!

— Então, meus amigos, o que se passa entre nós?

Continua

Aos coleccionadores

A administração de A BATALHA está habilitada a fornecer folhetins atrazados a todas as pessoas que o desejem.

NA PROVINCIA

IMPRESSÕES DO SEIXAL

A fábrica de Lanifícios da Arrentela

A fábrica de lanifícios da Arrentela formou-se há uns 100 anos. O princípio foi numa pequena casa denominada o Pisão, existindo hoje somente as paredes e que não tem sido demolidas, com a recordação de tempos idos. Esta fábrica em miniatura era movida pelas águas captadas do Tejo, para uma espécie de lagôa, a que chamam caldeira, e eram estas águas que moviam as azeites e portanto era o que fazia girar os seus toscos maquinismos.

O pessoal fabril nesta época era muito diminuído e a sua indústria estendia-se somente ao fabrico de chitas e mantas.

Em virtude das necessidades da sua expansão os terrenos foram sendo aterrados onde hoje existe a alameda, tendo um póco com bomba manual cuja água é dum finíssimo paladar. Este recinto é separado da estrada por uns barroteiros com arame farpado, colocados paralelamente, o que não evita que o público não ingresse para deliciar os pulmões com o ar puro dos eucaliptos.

O que não faz sentido, uma vez — que a entrada é pública, é que puzessem arame farpado, pois o povo que ali passa está sujeito a ficar com a farpela rota, a não ser que a Companhia nisso tenha interesse a fim de com a vigilância dos arames, com os seus rasgos traçoeiros, aumenta assim a sua produção.

Com o aterramento, a antiga fábrica deixou de existir por falta da água que era necessário ser mais abundante.

Para as necessidades da sua expansão, foram procedendo a várias construções e aperfeiçoamentos nas máquinas e hoje pode considerar-se a primeira fábrica do país em lanifícios.

Por estas informações, tivemos o desejo de conhecer todas as suas dependências e maquinismos e graças a boas vontades lá conseguimos autorização para a visitarmos.

Antes de entrarmos, notámos quasi

centro destes grandes palmeiras. Entre os canteiros e as oficinas estavam cavaletes, onde as teias depois de urdidas e coladas são postas ao sol para secar.

Seguimos à casa das máquinas que é coberta de chapas de zinco, sendo as suas paredes de tijolo. Tem um motor com a força de 600 H. P. que faz mover os maquinismos todos, tendo-nos informado uma camarada que na roda principal que nos mostrou, tinha há anos um operário posto termo a sua existência.

Num repartimento contiguo há 2 dinamos eléctricos, um com a força de 200 amperes — era o que estava trabalhando na ocasião — e o outro de 120 e que na ocasião estava parado por a laboração não necessitar do seu funcionamento.

Saltamos quando encontramos um camarada muito pouco conhecido nas lutas sindicais. Cumprimentámo-nos.

— Então que fazem por aqui?

— Visitamos a fábrica.

— E realmente, sendo visitada com atenção tem muita que se observar.

Diremos minuciosamente da nossa visita.

Domingos A. RIBEIRO

COVILHÃ

3 DE NOVEMBRO

Em prol dos mineiros grevistas

O proletariado covilhense mais uma vez demonstra a alta noção que possui sobre os deveres de solidariedade, contribuindo motetariamente para os heróicos mineiros de São Pedro da Cova, em luta há cerca de três meses contra os seus desumanos exploradores.

E' que ele ainda não esquece o grandioso movimento que sustentou contra o industrialismo desta terra e que, embora fracassasse sob o ponto de vista material, constituiu contudo uma bela demonstração de consciência, a registar nas dolorosas páginas da história proletária.

Convencidos estamos de que, se necessário for recorrer a um movimento nacional para apoiar os mineiros em greve, os operários da Covilhã saberão cumprir o seu dever, secundando-o com o maior entusiasmo.

A reacção clerical campeia...

Informa-nos pessoa de confiança que o bispo da Guarda andou pelas pequenas povoações do concelho do Sabugal a espalhar a semente das mentirosas doutrinas da igreja de que é categorizado pastor.

Afirmam-nos ainda que houve povoações em que pessoa alguma ficou

nam rido duma procissão... Pois bem! Esse clero, por muito poderoso que fosse, pôde acaso conjurar a revolução, ainda mesmo senhor da instrução pública?... Pois vocês reciam os homens do senhor de Falloux, em 1849, quando temos a liberdade de imprensa e a propaganda socialista, tam activa e entusiasta como a dos enciclopedistas no último século? E ainda duvidam, ainda reciam, quando graças ao sufrágio universal, em dois anos, o máximo, bastará uma leve rajada de vento para fazer regressar esses homens às trevas de onde saíram? Ora vamos, meus filhos, vocês já não estão na idade de ter medo dos lubismos?... E a expedição de Itália? perguntou Jorge. A república italiana, nossa irmã, metralhada pelos soldados franceses, e restabelecida pelas nossas armas!

— Como, meus filhos? pois também levam a mal a restauração do papa pela força? Que nova e humilde negatividade não é a pretensão dessa sempre apregoadada infalibilidade divina! Deus não o trovejou... Consentiu que o seu representante na terra implorasse as carabanas dos caçadores de Vincennes, rapaziada honrada, que prefere antes o cotilão e a taberna ao oremus... Deixem-se disso, meus filhos! O pontificado não se levantará nunca deste último triunfo; devia reinar pelo amor e pela fé; mas, como recorre à violência, perde-se há pela violência, e bem depressa a república romana entrará na escala dos povos livres. O antigo hábito da disciplina obrigou os nossos valorosos soldados a uma restauração

papa, iníqua e imbecil... Mas, paciência, dois anos mais no exercício dos seus direitos civis não de esclarecer os nossos soldados sobre os seus verdadeiros deveres... E daí, os votos do exército não são já, em grande número, socialistas? A'ém de que, num tempo próximo, deixará de haver reis na Europa e, por conseguinte, também exércitos; uns de nada valem sem os outros!... Os povos regenerados e emancipados, não pensário, pelo seu interesse comum, senão em unir-se e permutar os seus produtos, em lugar de combater uns contra outros! Torna a repetir: deixem-se disso, meus filhos... aproximem-se a época em que os últimos batalhões deixariam de existir juntamente com os últimos reis!

— Ah! meu pai! esse tempo destruí-lo-hemos nós? disse Sacrovir não menos admirado que Jorge da paz de espírito do fanfarrão. A esta hora, por toda a parte, a liberdade dos povos é acimada, azoragada e decapitada pelos algozes dos reis absolutos!... A Itália, a Hungria e a Alemanha, curvaram-se novamente debaixo do jugo sanguinolento que tinham quebrado em 1848, electrizadas pelo nosso exemplo, e contando connosco como se fossem seus próprios irmãos!... Para o lado do norte, o despota dos cossacos, com um pé na Polónia e outro na Hungria, afogando ambas as nações no seu próprio sangue, ameaça com o knout a independência da Europa, prestes a arremessar sobre nós as suas hordas selvagens!...

— Hordas iguais a essas, meus filhos,

também, nossos avós as acutilaram no tempo da servidão... e, se elas hoje cá viessem, nós faríamos como eles... Pelo que diz respeito aos reis, continuam a assassinar, a ameaçar e espumam de raiva!... e sobretudo o terror!... Veem já do sangue dos milhares, sacrificados por eles, nascerem milhares de vingadores!... Essas testas coroadas sofrem vertigens e com razão!... Rebente hoje uma guerra europeia e a revolução se levantará contra eles devorando-os! Substitua a paz e a onda pacífica da civilização engrossará... subirá-lhes até à garganta... submergindo os tronos...

— Mas, entre nós mesmos! exclamou Jorge, entre nós mesmos!

— Então, meus amigos, o que se passa entre nós?

Continua

Aos coleccionadores

A administração de A BATALHA está habilitada a fornecer folhetins atrazados a todas as pessoas que o desejem.

SILVES

4 DE NOVEMBRO

Feira anual

Com regular concorrência realizou-se nos dias 31, 1, 2, a feira anual; a venda foi muito grande; nota desoladora: foi encontrado no ribeiro denominado Caixa de Agua, junto da feira, um feto que se supõe ter sido abandonado por alguma forasteira.

Soldado bolchevista...

Encontra-se preso na cadeia desta cidade, devendo ser restituído hoje à liberdade, um indivíduo de nome António J. Cruz, natural e residente em Panóias, soldado licenciado do 3.º Batalhão de Inf. 33, acusado de chamar «amarelo» a um revisor «gremista» que segundo nos consta é um sr. Lima.

Será verdade?

Pessoa de confiança nos informou que na administração do concelho se encontravam as fotografias dos «terceiros bombistas» fugidos de S. Julião de Barra. Procurámos quem nos informasse melhor e então nos foi confirmado, com a agravação de haver ordenado terminantes para procederem, caso recaptarem alguns indivíduos — C.

COIMBRA

4 DE NOVEMBRO

Uma interessante festa nos Bombeiros Voluntários

A velha cidade universitária esteve hoje em festa. Fóram os simpáticos Bombeiros Voluntários que recebendo de novo no seu seio o velho comandante Simões Pais, quiseram prestar a esse a quem devem o esforço da vida dessa benemérita Associação, a justa homenagem que lhe era devida.

Simões Pais, que esteve afastado da Associação dos Bombeiros Voluntários para exercer o cargo de inspector geral dos Incêndios, retirou-se há pouco desse lugar, merço das desconsiderações algumas que queriam intrinsecamente se nos serviços, obrigando-o assim a abandonar esse lugar, que aliás vinha desempenhando a contento de todos. A festa à qual assistimos, tendo a direcção dessa Associação sido dum gentileza enorme para com a imprensa local e dos jornais representados, decorreu em meio dum fraternidade grande tendo sido inaugurada uma placa comemorativa da festa agora realizada em homenagem ao glorioso bombeiro.

Quando Simões entrou na vasta sala da Associação, completamente cheia, todo o povo irrompeu numa quente ovação que Simões na sua simplicidade de bom e sincero agradeceu chorado intimamente, tendo-lhe corrido as lágrimas pelas faces.

Falaram várias pessoas, destacando Alberto Duarte Areosa incansável trabalhador em prol dos Bombeiros Voluntários, e também os srs. Agria do jornal «Meteor»; Gualberto Melo de «O Despertar» etc.

A sessão solene que foi interessante no tocante à simplicidade, decorreu numa perfeita e leal fraternidade entre todos os presentes.

Foi oferecido à imprensa um copo de água. — C.

PENAMACOR

4 DE NOVEMBRO

Os efeitos do álcool

Conforme a nossa última correspondência faleceu no hospital, Cândido Mono, que era de grandes iniciativas e trabalhador, mas devido ao abuso constante de bebidas alcoólicas, tornou-se desparatado ocasionando verdadeiros desgostos à família, pelo seu temperamento irascível. Eram raros os trabalhos de campo que acabavam o pessoal admitido primitivamente devido aos constantes conflitos que armava. No hospital fez o testamento deixando: a quantia de 4 contos a um filho de uma mulher com quem mantivera relações sexuais, deserdando a sua filha Carlota, em casa onde sua mãe se recolheu, devido aos maus tratos que o marido lhe infligia, e onde se dera a tragédia.

Antes de expirar atraiu ao seu quarto os filhos na intenção de os matar, de que foi impedido por algumas pessoas que conheciam muito bem do que seria capaz. Arrombaram a porta do quarto e fizeram sair os filhos do Mono lires, apesar do pai procurar um ferro da cama para os agredir.

O caso tem sido o assunto de todas as conversas.

Outra morte

Nas Aranhas, propriedades de José das do Salvador, pertencentes a José Maria, foi este encontrar pastando o gado a cargo do pastor Lourenço, pelo que houve uma irritante troca de palavras e ameaças, o que levou o pastor a pegar num machado e agredir o José Maria, do que resultou a morte. — C.

Como o estorquido tivesse levantado a «lebre», o advogado ofereceu-lhe 100\$00, visto que o outro foi gasto na certidão e outros papéis necessários para a sua acção.

O que é verdade é que o reformado do exército não recebeu o «pre» de setembro, parece, como vingança.

Este caso não é virgem. Já quando foi da guerra, a pensão a que a família dos militares em campanha recebia, não era equivalente à que eles tinham direito.

Isto significa uma verdadeira caça à impiedade dos infelizes que caem nas unhas dos advogados sem escrúpulos. — C.

LIMAS

As melhores são as da União

União

MARCAS REGISTRADAS

perce e as melhores inglesas.

